



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
(Lei nº 11.640 de janeiro de 2008)
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS

CLÁUDIA ALVES DA SILVA

**INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR:
AS PRINCIPAIS BARREIRAS E APOIOS ENCONTRADOS PELOS ALUNOS
INCLUSOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS BAGÉ**

BAGÉ/RS
2015

CLÁUDIA ALVES DA SILVA

**INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR:
AS PRINCIPAIS BARREIRAS E APOIOS ENCONTRADOS PELOS ALUNOS
INCLUSOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS BAGÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e/ou Respectivas Literaturas como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora Professora Dra. Claudete da Silva Lima Martins

BAGÉ/RS
2015

BAGÉ/RS
2015

CLÁUDIA ALVES DA SILVA

**INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR:
AS PRINCIPAIS BARREIRAS E APOIOS ENCONTRADOS PELOS ALUNOS
INCLUSOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS BAGÉ**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção de título de Licenciada em
Letras Português e/ou suas Respectivas
Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Bagé, 16 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Claudete da Silva Lima Martins
Universidade Federal do Pampa

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
Universidade Federal do Pampa

Prof.^a Dr.^a Gilnara da Costa Corrêa Oliveira
Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho à minha mãe, Zulma Alves da Silva. Obrigada por estar presente em minha vida apoiando e incentivando, abrindo mão de suas atividades por mim. És meu exemplo na vida. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me presenteado em julho deste ano com o maior presente da minha vida, minha filha Caroline.

Agradeço à minha filha por fazer de mim uma pessoa melhor. Obrigada por ter me escolhido filha, te amo!

Agradeço ao meu marido por “aturar” minhas crises e mesmo assim apoiar minhas decisões. Obrigada por estar presente em nossas vidas!

Agradeço também, a meu pai e minha mãe que estão a meu lado direcionando meus caminhos, me apoiando em tudo que preciso. Vocês são minha inspiração!

Agradeço a meu irmão e sua família que mesmo distante de nós, o vínculo e carinho só aumentam.

Aos meus colegas acadêmicos desejo todo sucesso em suas vidas.

Agradeço aos professores pelo carinho e paciência comigo. Obrigada professora Claudete pela orientação do presente trabalho, obrigada por sua compreensão, lhe desejo muito sucesso.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuem de alguma maneira para meu crescimento pessoal e profissional.

Muito obrigada!

RESUMO

A partir da crescente democratização do ensino, em especial dos estudantes com deficiência, o presente trabalho busca mostrar a realidade da educação inclusiva no ensino superior, especificamente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) campus Bagé/RS. O objetivo do trabalho é investigar quais são as principais barreiras e apoios encontrados pelos alunos com deficiência no ensino superior. O projeto fará uma breve retomada em documentos oficiais nacionais estabelecendo um parâmetro de suas reais aplicabilidades sob o ponto de vista do discente incluso. Será feita uma pesquisa qualitativa, tendo por sujeitos os alunos com deficiência matriculados nos cursos oferecidos pelo campus Bagé da Universidade Federal do Pampa, afim, de evidenciar a real necessidade dos alunos e suas perspectivas em relação à permanência na UNIPAMPA campus Bagé. Conclui-se que os alunos com deficiência encontram algumas barreiras arquitetônicas que não impedem a permanência na universidade e o progresso na vida acadêmica onde podem concluir seus estudos e ainda dar continuidade com cursos de qualificação superior.

Palavras chave: Inclusão. Ensino Superior. Barreiras.

RESUMO

From the growing democratization of education, particularly for students with disabilities, this paper seeks to show the reality of inclusive education in higher education, specifically the Federal University of Pampa (UNIPAMPA) campus Bagé / RS. The objective is to investigate what are the main barriers faced by students with disabilities in higher education. The project will make a brief resumption in domestic official documents establishing a parameter of their actual applicability from the point of view of the enclosed student . A qualitative research will be done , with the subject students with disabilities enrolled in courses offered by Bage campus of the Federal University of Pampa , in order , to show the real needs of students and their perspectives. It was concluded that students with disabilities are some architectural barriers that do not prevent the permanence in the university and the progress in academic life where they can complete their studies and also to continue with superior training courses.

Keywords: Enclosed. Higher Education. Barriers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DEFICIÊNCIA: SOMOS TODOS DIFERENTES.....	11
3 ALGUNS FUNDAMENTOS LEGAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO.....	13
4 ENSINO SUPERIOR: BARREIRAS.....	17
5 METODOLOGIA.....	19
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	21
6.1 Sujeitos da pesquisa e algumas de suas características	21
6.2 Barreiras encontradas.....	22
6.3 Apoios oferecidos pela UNIPAMPA.....	27
7 CONCLUSÃO.....	32
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
9 APÊNDICES.....	35

1. INTRODUÇÃO

O ingresso dos alunos com deficiência no ensino superior tem aumentado significativamente, assim como a tentativa de entrada nas universidades públicas e privadas. Segundo os dados do Censo da Educação Superior (IBGE 2013), as matrículas de pessoas com deficiência aumentaram quase 50% nos últimos quatro anos sendo a maioria em cursos de graduação presencial.

Apesar do salto nas matrículas, é necessário que os alunos com deficiência tenham condições de se manter na universidade dando continuidade aos estudos e que o processo de aprendizagem seja de qualidade.

É preciso que saibamos nos adaptarmos e respeitarmos as necessidades das pessoas com deficiência, dividindo espaços com igualdade e harmonia. Devemos considerar que a humanidade possui diferenças e é de suma importância a inserção e a convivência com os alunos que possuem algum tipo de deficiência.

Para Lima (2001),

Torna-se, portanto, necessário travar um embate contra a sociedade que ainda possui características excludentes e separatistas, e que traz consigo o estigma segregacionista. É necessário respeitar, aceitar e valorizar as limitações de cada ser humano como cidadão do nosso meio social.

Portanto a temática de investigação desta pesquisa é a identificação das principais barreiras e apoios encontrados pelos alunos com deficiência na Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. Realizamos uma pesquisa de campo tendo por sujeitos os alunos com deficiência matriculados no campus Bagé da Universidade Federal do Pampa.

A escolha do tema foi feita a partir de uma reflexão a respeito de uma conversa com um amigo, estudante de pedagogia, mas, que infelizmente trancou a faculdade por se sentir discriminado por uma professora. Segundo ele, a professora deixou claro que o mesmo não conseguiria concluir os estágios obrigatórios por possuir apenas 10% da visão. Fiquei imaginando o quanto deve ser difícil para um aluno com deficiência concluir seu curso e que os mesmos devem encontrar inúmeras barreiras.

O presente trabalho justifica-se, pois explora o assunto inclusão, que embora esteja a cada dia mais difundido, ainda é visto por muitos com tabus e receios. Tendo a necessidade de ser explorado e discutido na universidade para que nossos colegas com deficiência tenham seus direitos respeitados e possam concluir sua graduação.

O presente projeto faz reflexões sobre como está sendo feito este complexo processo de inclusão na perspectiva dos próprios alunos, identificando as barreiras atitudinais e/ou

arquitetônicas relacionadas à acessibilidade enfrentadas pelos alunos com deficiência. E também, pesquisar como a inclusão na UNIPAMPA é vista pelos alunos com deficiência que nela estudam.

Fiquei me questionando sobre quais seriam as dificuldades encontradas pelos alunos com deficiência para serem incluídos na universidade.

Pergunto-me se este aluno conseguirá desempenhar suas atividades profissionais com qualidade ou até mesmo se conseguirão construir seus conhecimentos. Quais suas principais motivações em frequentar a universidade? Se em algum momento pensaram em desistir e por quê?

Essas são algumas questões problematizadoras que me impulsionaram a realizar o presente trabalho, uma vez que os obstáculos enfrentados pelos deficientes são inúmeros e muitas vezes desacreditados por sua própria família e amigos.

A pesquisa foi realizada por acreditar que as principais barreiras enfrentadas pelos alunos com deficiência sejam a falta de material didático adaptado, falta de autonomia em razão de falhas na arquitetura do campus Bagé e o despreparo docente.

2 DEFICIÊNCIA: SOMOS TODOS DIFERENTES

É de extrema importância entendermos que existe o “diferente”, pessoas que por diversos motivos sejam eles físicos ou psíquicos agem de maneira adversa ao nosso entendimento e que a diferença é constituída cultural e socialmente. Pessoas, que como quaisquer outros seres humanos necessitam do nosso respeito. Para Jussara Hoffmann apud CARVALHO; ROSITA (2007, p.1)

Somos diferentes. Essa é a nossa condição humana. Pensamos de jeitos diferentes, agimos de formas diferentes, sentimos com intensidades diferentes. Mas que, como seres humanos, nossa dignidade depende substancialmente da diversidade, da alteridade (por isso, a possibilidade da clonagem nos choca tanto), porque precisamos garantir o caráter subjetivo de nossa individualidade.

A pessoa com deficiência como qualquer ser humano é diferente de qualquer outro em suas diversas manifestações. Todos nós necessitamos de algo a mais, algo que nos diferencia e nos torna únicos. Devemos entender que todo ser é incompleto e que as tarefas mais simples podem se tornar mais difíceis quando falta algo para que possamos trilhar uma caminhada sem o auxílio diário de outra pessoa. Nossas capacidades nos tornam diferentes sim, porém, não melhores nem piores que outras pessoas. A deficiência, por vezes apenas torna a trajetória mais complexa, com mais obstáculos que muitas vezes são impostos pelos ditos normais.

De acordo com Mantoan apud CARVALHO (2007, p.67)

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência/e ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um.

As instituições de ensino devem estar preparadas para receber pessoas com deficiência, para que elas se sintam acolhidas e tenham possibilidade para desenvolver as atividades propostas. É de extrema importância que nós educadores saibamos valorizar a diversidade, que saibamos entender o tempo e a especificidade de cada aluno.

Devemos estar atentos à natureza da deficiência para fazermos um excelente planejamento dando todo suporte para o aluno com deficiência. É de extrema importância pensarmos no professor como agente favorecedor da construção de conhecimento, como o sujeito que respeita as diferenças, respeitando cada aluno, seu estilo de aprendizagem, suas experiências pessoais e profissionais.

Escola e família são duas instituições, certamente duas das mais antigas e tradicionais, portanto a participação da família no processo educativo é de extrema importância para o

aluno com deficiência. O apoio e a participação fortalecem vínculos e estimulam o estudante a vencer obstáculos.

As famílias de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais associadas ou não a deficiência vivenciam uma situação bastante peculiar: a maioria se percebe sozinha para administrar as dificuldades que se apresentam em tal situação. Os sentimentos de desamparo são muito frequentes e não podem ser ignorados.

Trabalhos em grupo favorecem a troca de experiências e permitem reflexão sobre atitudes de enfrentamento e gerenciamento das dificuldades cotidianas com seu filho ou filha, no contexto familiar e mesmo na orientação para o encaminhamento nas áreas da saúde e educação, com vistas à inclusão.

Sabe-se, também, que a falta de informação sobre as necessidades especiais da criança, sobre os recursos existentes na comunidade e sobre os procedimentos de acesso a esses recursos tem, na maioria das vezes, levado os pais a uma condição de dependência de um determinado serviço ou mesmo de profissionais. Dificilmente são orientados a analisar o conjunto de suas necessidades, a tomar decisões e exigir a qualidade de atendimento que desejam. (ARANHA, MARIA SALETE, 2004, p.13)

É muito importante que a família tenha conhecimento sobre as necessidades educacionais especiais de seus filhos aceitando-as, bem como as relações interpessoais entre família e escola. Cabe ao poder público garantir um sistema de serviços que promova a saúde física e mental das famílias, em geral, e das crianças e jovens e adultos, em especial. (ARANHA, MARIA SALETE, 2004)

Um dos compromissos pela educação reside na “conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, atuando em regime de colaboração, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica” (BRASIL, 2007).

Isso nos revela mais uma vez que o processo educativo não evolui sozinho, precisando de parceiros e incentivadores na formação de conhecimentos.

3 ALGUNS FUNDAMENTOS LEGAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Em primeiro lugar, cumpre lembrar que uma lei é um conjunto de normas e de regras de direito impostas pelo poder legislativo ou por autoridades competentes. A lei tem por objetivo manter, numa comunidade, a ordem e o desenvolvimento de todos os seus integrantes. A partir desse conceito, deduz-se que o texto da lei exerce uma função disciplinadora, proibitiva do que nela não estiver contido; A legislação é, sem dúvida, um instrumento político e social de natureza mandatária. Em países em desenvolvimento, como o nosso, essa característica não tem prevalecido. Não nos faltam leis ou artigos em leis que garantam os direitos das pessoas com deficiências. Nosso problema não reside na inexistência de leis; pelo contrário. O que nos falta é garantir seu cumprimento. (CARVALHO; 2007, p.30)

Embora a lei assegure o direito à educação à pessoa com deficiência, nossos ambientes escolares ainda necessitam de muitos ajustes, sejam eles estruturais ou em relação a nossos educadores.

O despreparo do corpo docente ainda é muito grande o que acaba causando o afastamento escolar de nossos alunos com deficiência. Quando um professor ou equipe pedagógica não consegue dar suporte ao aluno com deficiência, este se sente desmotivado a iniciar e/ou continuar seus estudos. O aluno acaba por não sentir segurança e força de vontade para realizar as tarefas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (art.59) é assegurado aos alunos com deficiência, professores com especialização adequada em nível superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a inclusão desses alunos com deficiência nas classes comuns;

Embora tenhamos educadores especializados, a grande maioria dos professores ainda não está preparado para trabalhar com alunos com deficiência. Estudaram para isso, porém, trabalhar a inclusão na prática é muito difícil.

O salário médio de nossos professores é muito baixo dificultando-lhes a aquisição de livros, assinaturas de revistas de educação, ou a frequência a cursos. Muitos trabalham em mais de uma escola, sentem-se cansados e desvalorizados, o que interfere na qualidade de suas práticas pedagógicas. Há que considerar, também, as inúmeras lacunas na formação recebida, as resistências frente às mudanças e ao que qualificam como “despreparo” para lidar com diferenças muito significativas de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos. (CARVALHO; ROSITA 2007, p. 113)

É necessário sim, um incentivo financeiro e estrutural aos educadores de alunos com deficiência, pois oferecer um ensino de qualidade ao aluno com deficiência requer muita prática, habilidade e recursos pedagógicos.

É necessário também um ajuste no currículo pedagógico dos cursos superiores, para que seja dada uma atenção maior a este assunto, uma alternativa seria aumentar a carga horária na disciplina de educação inclusiva e até mesmo um estágio obrigatório nesta área, para que os alunos dos cursos em licenciaturas tenham um contato prévio com alunos com deficiência.

Pieczkowsk; Naujorks; Apud Orrico, Canejo e Fogli (2007, p. 116) dizem que:

Diante da diferença o homem se intriga, interroga, nomeia e sofre por perceber que tanto as normas que culturalmente constrói como as ‘verdades’ históricas em que se transformam as conquistas da ciência não dão conta de todos os aspectos que constituem o ser humano.

A necessidade de recursos financeiros é indispensável para qualquer processo de ensino-aprendizagem. Os investimentos sociais e principalmente os políticos são de extrema importância para qualquer estabelecimento de ensino.

A partir do momento que a educação é tomada como base, investimentos em infraestrutura e pessoal serão necessários, toda mudança gera gastos. Neste caso, toda mudança é um investimento, e qualquer pessoa será capaz de ingressar em uma escola e permanecer nela, chegando a uma universidade e se preferir, ir muito além.

Para Chauí (2003, p.6),

[...] se quisermos tomar a universidade pública por uma nova perspectiva, precisamos começar exigindo, antes de tudo, que o Estado não tome a educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só é possível se a educação for considerada um direito e não um privilégio, nem um serviço.

Desde 1988, está em nossa constituição que assegurar a todos a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, sem qualquer tipo de discriminação, é um princípio, porém desde aquela década a realidade ainda é diferente para muitas crianças e jovens que apresentam necessidades educacionais especiais.

IV – Objetivo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais, garantindo: Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior; Atendimento educacional especializado; Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino; Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da

educação para a inclusão escolar; Participação da família e da comunidade; Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (BRASIL, 2010, p.20)

Podemos entender que todos os alunos devem estar juntos, aprendendo e participando das atividades escolares sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva está fundamentada na concepção dos direitos humanos, onde igualdade e diferença são tidos como valores indissociáveis.

Ao reconhecermos que existem dificuldades nos diversos níveis de ensino inclusive no ensino superior e que é possível criar alternativas para superá-las a educação inclusiva fará parte de debates centrais acerca da exclusão.

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

Os Estados Partes assegurarão que as pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino superior em geral, treinamento profissional de acordo com sua vocação, educação para adultos e formação continuada, sem discriminação e em igualdade de condições. Para tanto, os Estados Partes assegurarão a provisão de adaptações razoáveis para pessoas com deficiência. (SALAMANCA, 1994, p.19)

Os Estados deverão assegurar as pessoas com deficiência a efetiva adaptação para que a ideia de Educação para todos seja efetiva. O destaque que antes era dado aos programas destinados a atender diretamente os indivíduos com necessidades educativas especiais, passou a ser dado à comunidade como um todo.

A Declaração de Salamanca sobre Princípios Políticas e Práticas em Educação Especial, formulada na Espanha, completou 21 anos em junho passado. Uma data importante para refletirmos sobre os avanços e os desafios que ainda persistem no processo de inclusão escolar de crianças com deficiência. Entre outros princípios, políticas e práticas congrega,

a estimular a comunidade acadêmica no sentido de fortalecer pesquisa, redes de trabalho e o estabelecimento de centros regionais de informação e documentação e da mesma forma, a servir de exemplo em tais atividades e na disseminação dos resultados específicos e dos progressos alcançados em cada país no sentido de realizar o que almeja a presente Declaração. (SALAMANCA, 1994, p.02)

O Brasil foi um dos países que adotaram a declaração, assumindo o compromisso de incluir todas as crianças, independente de suas dificuldades. A Declaração de Salamanca trouxe novas perspectivas para a educação ao propor que as escolas de orientações inclusivas constituam meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para

todos.

A Declaração de Salamanca reforça que cada aluno tem direito a uma educação de qualidade considerando as características e os interesses únicos de cada educando, evitando-se assim, discriminações e a exclusão escolar, propondo que as escolas se organizem e se capacitem para atender a todos. A convivência entre crianças que possuem algum tipo de deficiência e as que não possuem nos dias atuais é uma realidade a ser comemorada, ainda que alguns desafios persistam e necessitem de reflexões. É importante que tenhamos a consciência de que o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas é dinâmico e não se esgota nunca, sendo sempre desafiador.

4 ENSINO SUPERIOR: BARREIRAS

A universidade pública é parte integrante na implementação de políticas públicas, por isso deve estar sempre atenta e disposta a enfrentar os desafios junto com o estudante deficiente afim de que este aluno se sinta capaz de realizar suas atividades com eficiência e eficácia.

Para que sejam implementadas políticas de inclusão, necessitamos de mais estudos, análises, discussões, problematizações sobre o que nos incomoda e porque nos incomoda. Problematizarmos os discursos e as representações a partir das quais fomos sendo constituídos nos auxilia a ver que as normas instituídas na sociedade foram inventadas segundo contextos e momentos históricos específicos e que, portanto, podem ser reinventadas e resignificadas, conforme vamos instituindo outros saberes e verdades. (CASTRO apud THOMA, 2006, p.17)

Outro fator importante é que a universidade tem o dever de garantir o acesso e a permanência dos alunos com deficiência, pois contam com profissionais de diversas áreas do conhecimento podendo contribuir para o ensino, pesquisa e extensão na área da educação especial.

Acredito também, que sejam necessários investimentos na capacitação dos técnicos administrativos, para que atendam as especificidades na aprendizagem dos alunos com deficiência. O sucesso na aprendizagem não depende apenas do estudante ou professor, mas sim, de todos envolvidos no processo.

Uma das barreiras encontradas são as atitudinais, ou seja, quando o docente não está preparado para lidar com pessoas com deficiências. É comum o preparo para o contato com deficientes somente quando necessário esquecendo o que fora aprendido durante a graduação ou capacitação.

O fato de estar em uma sala de aula não significa que os alunos com deficiência estejam incluídos no processo de ensino-aprendizagem, pois, precisam absorver de fato os conteúdos passados, fato que muitas vezes pode ser bastante difícil devido aos meios oferecidos ao estudante no ambiente educacional e principalmente em relação a preparação e habilidade docente, “a formação e a capacitação docente impõem-se como meta principal a ser alcançada na concretização do sistema educacional que inclua a todos, verdadeiramente” (BRASIL/MEC/SEESP, 1998, p 22.).

Identificadas as barreiras atitudinais poderemos minimizar ou erradicar o processo excludente, pois a partir da conscientização haverão meios para transformação individual e

coletiva. Toda universidade que deseja ser de fato inclusiva deve envolver todas as pessoas como ser social e atuante. As barreiras atitudinais são concretizadas nas atitudes de cada pessoa. O temor do reconhecimento de uma barreira e do que ela significa, evidenciam o porquê de tanta resistência na transformação da universidade excludente dos dias de hoje em uma inclusiva. E esclarece porque a ação de explicar significa nada mais nada menos que interpretar, tornar inteligível. Ao explicarmos uma barreira atitudinal, estamos dando argumentos que elucidam uma situação que originou determinado comportamento relação à pessoa com deficiência. Segundo Rosita, “Independentemente do locus das barreiras, elas devem ser identificadas para serem enfrentadas, não como obstáculos intransponíveis e sim como desafios aos quais nos lançamos com firmeza, com brandura e muita determinação” (EDLER CARVALHO, 2006, p. 128).

As barreiras arquitetônicas também são obstáculos bastante preocupantes quando falamos em inclusão. Estas barreiras limitam acessos e muitas vezes, constringem o deficiente, que se sente diminuído diante dos outros alunos. Para nós, ditos “normais”, isto pode passar despercebido, mas infelizmente tais barreiras estão presentes nos diversos locais da universidade.

É preciso que todos entendam que as adaptações nas estruturas físicas podem beneficiar toda e qualquer pessoa, uma vez que todos nós estamos sujeitos a ter alguma redução na mobilidade ou adquirir alguma deficiência permanentemente. Pode até parecer contraditório, mas o tratamento diferenciado garante a pessoa com deficiência um tratamento igualitário.

A inclusão será concretizada quando cada um de nós for capaz de reconhecer as barreiras que nutrimos e buscarmos erradicá-las. “A inclusão é uma visão, uma estrada a ser viajada, mas uma estrada sem fim, com todos os tipos de barreiras e obstáculos, alguns dos quais estão em nossas mentes e em nossos corações” (MITTER, 2003, p. 21).

5 METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto foi feito a partir de uma pesquisa de campo feita no campus Bagé da UNIPAMPA. O trabalho é muito útil já que é difícil manter os dados atualizados.

Espera-se contribuir com a comunidade acadêmica, já que o trabalho voltado para inclusão é de interesse de todos, mesmo os que não possuem algum tipo de deficiência.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas que foram respondidas exclusivamente pelos alunos com deficiência inclusos nos diversos cursos do campus Bagé e pela análise de documentos oficiais da universidade. Segundo Gil (2008), a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, “é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 2008. p.129)

A entrevista é de extrema importância, pois as perspectivas são reais e pontuais dos alunos com deficiência. Um método que exige tempo, porém, traz resultados que podem ser analisados com muita clareza. O pesquisador pode captar emoções e o entrevistado pode se estender nas questões contribuindo com respostas ricas, que poderão ser revertidas em sugestões, reivindicações e até mesmo aprimoramento no processo de inclusão.

O objetivo da entrevista e análise é justamente encontrar os pontos positivos e negativos de estarem frequentando as aulas na UNIPAMPA, a fim de ajudá-los a ter uma vida acadêmica mais acolhedora, inclusiva e participativa.

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ ET AL., 1967, p. 273).

Dos dezesseis alunos com deficiência no campus apenas cinco se disponibilizaram a participar da pesquisa, entre os alunos participantes estão: dois alunos com deficiência visual e três alunos com deficiência física. Os alunos foram entrevistados individualmente, sendo que nenhum aluno terá sua identidade revelada, para tanto serão usados pseudônimos. Após o término das entrevistas as mesmas foram analisadas para que pudessemos identificar quais as principais barreiras e apoios encontrados pelos alunos com deficiência da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé.

Realizou-se análise textual discursiva dos dados coletados.

O projeto foi realizado nas seguintes etapas:

Primeiramente foi realizado o levantamento do número de alunos com deficiência do campus Bagé. Em seguida foram contatos via telefone com os sujeitos da pesquisa, logo após foram agendadas as entrevistas que foram feitas na UNIPAMPA- campus Bagé. Terminadas as entrevistas os dados foram analisados e logo após foi feito o relatório final.

6. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

6.1 Sujeitos da pesquisa e algumas de suas características

Dos alunos contatados e convidados a participarem da pesquisa apenas cinco se disponibilizaram a participar. Como já mencionado, usaremos pseudônimos a fim de preservar a identidade dos participantes.

Jair foi um dos pioneiros na UNIPAMPA. Em 2006 através do primeiro vestibular ingressou no curso de Engenharia de Computação. Segundo ele, teve a infelicidade de adquirir a deficiência durante a graduação quando teve amputado parte de um dedo na mão esquerda. Hoje aos 42 anos está no sexto semestre e batalha pelo tão sonhado diploma.

Veremos mais adiante a importância das cotas para pessoas com deficiência. Foi através delas que Luan, deficiente visual, ingressou na UNIPAMPA no início do ano de 2015. Com apenas 18 anos, cursando Engenharia de Computação sente muito orgulho de estar em uma universidade federal na qual sempre sonhou estudar.

Já Enrique que possui 32 anos, também ingressou pelas cotas, só que em 2010. Segundo ele já nem sabe qual seu semestre, porém acredita estar no 10º semestre de Engenharia de Computação. Também tem deficiência visual, pois perdeu a visão de um olho em um acidente.

Débora possui deficiência física, tem 48 anos e está cursando o 3º semestre de Licenciatura em Música. Sua entrada na UNIPAMPA se deu através de alunos portadores de diploma no ano de 2013. Ela é formada em Arquitetura e Urbanismo. Seu olhar profissional é bastante crítico em relação à estrutura da universidade conseguindo visualizar com clareza algumas barreiras arquitetônicas existentes no campus Bagé.

Deivid é também deficiente físico, aos 24 anos está cursando o 7º semestre do curso de Letras Português e/ou Respectivas Literaturas. Está na UNIPAMPA desde 2012 e seu ingresso se deu através das cotas para portadores de deficiência. Embora ainda não deseje atuar como professor, devido a não concordar com o currículo do curso, é bastante empenhado nas atividades acadêmicas.

A pesquisa está agrupada em duas dimensões de análise onde discutiremos: Barreiras encontradas e Apoios na visão dos estudantes sujeitos na pesquisa.

6.2 Barreiras encontradas

Os cinco alunos entrevistados disseram não encontrar barreiras atitudinais, um fator positivo e menos um entrave para a vida acadêmica destes alunos, porém eles não relataram o mesmo em relação às barreiras arquitetônicas.

Quando falamos em barreiras logo nos vem à mente a palavra obstáculo. É quase inacreditável pensar que com tantos profissionais gabaritados ainda existam edificações em condições que não favorecem a pessoa com deficiência, principalmente quando falamos em instituições de ensino, o local que deveria dar prioridade à acessibilidade.

Dos cinco alunos entrevistados 80% manifestaram insatisfação em relação às condições da estrutura e mobilidade na UNIPAMPA campus - Bagé.

Jair faz uma observação importante em relação aos elevadores:

“(...) os elevadores embora hoje, por exemplo, nenhum dos dois esteja funcionando então eu acho que é atenção. É uma coisa que não pode deixar de funcionar nenhum dia, enquanto tem atividade na faculdade os elevadores tem que estar funcionando”. (ENTREVISTA, 2015)

Débora ressalta que: *“Elevadores só no prédio principal, se tiverem portadores de necessidades especiais locomotoras, não conseguem chegar ao prédio 04, ficando somente no andar térreo”*. Os acadêmicos evidenciam que a atenção aos deficientes deve ser constante, se o elevador não está funcionando seria necessário que existissem rampas de acesso a todos os locais da universidade para que nenhum aluno sintasse prejudicado. Podemos perceber essa afirmação na Figura a seguir:

FIGURA 1: Corredor de Acesso ao Bloco IV



Fonte: Acervo da autora

Todos os acessos ao bloco 04 estão com tapumes, impedindo que o estudante deficiente utilize o elevador para facilitar o acesso.

Débora também destaca a importância de salas de estudos apropriadas e cadeiras especiais para deficientes físicos, tendo em vista que os alunos dispõem muito tempo na universidade e a comodidade é fundamental para a realização de seus estudos.

A estudante mostra sua preocupação com relação às tubulações de incêndio: *“Aqueles tubulações de incêndio, sem marcação de atenção quando vai em direção contrária, a gente esquece e quase se bate naquelas quantidades de tubulações, mesmo o usuário não sendo um PNE.”* Podemos perceber na figura a seguir:

FIGURA 2: Tubulações contra incêndio



Fonte: Acervo da autora

Débora ainda acrescenta algumas barreiras:

- Toda pavimentação diferenciada para os portadores de necessidades especiais.
- Todas as marcações para as pessoas portadoras de necessidades, sejam de qual for o tipo de deficiência os prédios não foram pensados para isso.

- Não bateram o nível correto no prédio 04, ele está abaixo no nível da rua enche de água quando chove.
- Auditório, sem palco, com entrada e saída conflitante, bem na frente das pessoas fazerem palestras, incomodando quem esta ali na frente e quem quer sair.
- “ - Falta de rampas

Problemas estruturais existem e podem ser adequados com o tempo. A universidade precisa destas adequações para que não sejam gerados transtornos em relação aos acessos dos os alunos.

A iluminação no entorno do campus é destacada por Luan: “(...) a iluminação no entorno da faculdade é meio fraca”. Os estudantes tem dificuldades de locomoção no pavimento de acesso aos blocos e no estacionamento pois por vezes as lâmpadas estão queimadas, a universidade deveria disponibilizar mais postes de iluminação para que os estudantes com baixa visão possam se locomover com maior facilidade e cuidado.

Para os alunos sem necessidades especiais o acesso aos blocos da UNIPAMPA é precário, para um aluno com deficiência torna-se preocupante.

Deivid relata:

“...Eu acho erradíssimo é que não tem piso antiderrapante, isso não é nem para deficientes ou não deficientes. O dia que chover e alguém cair e quebrar um osso, a quem nós processamos? E eu quero que façam alguma coisa porque vai botar uma plaquinha? Não vai adiantar, o osso da pessoa não vai voltar pro lugar depois que ela cair.”

Observando a figura abaixo, podemos perceber o cuidado que os estudantes devem ter ao circular pela universidade porque o piso é totalmente liso. Muitos alunos resvalam ao circular pelos blocos da UNIPAMPA.

FIGURA 3: Piso derrapante



Fonte: A autora

Como afirma Deivid, as diversas barreiras arquitetônicas são perigosas para toda a comunidade acadêmica. Ele ainda ressalta algumas barreiras existentes no entorno da universidade:

O trajeto de um deficiente desde o momento que desce do ônibus, até a entrada dos blocos é caótica. A pavimentação é péssima e não possui área coberta. Para cadeirantes, pessoas com mobilidade reduzida, deficientes físicos e cegos, é praticamente impossível o acesso direto ao bloco quatro, não possui rampa de acesso e a escada do estacionamento não possui corrimão, o tráfego pela pavimentação é perigoso devido à entrada e saída dos veículos.(ENTREVISTA, 2015)

FIGURA 4: Acesso ao bloco quatro



Fonte: Acervo da autora

Na figura 4 temos a real percepção do que os estudantes deficientes enfrentam diariamente.

O acesso de uma pessoa com deficiência física ou cadeirante deve ser feito em meio ao trânsito de automóveis, oferecendo risco à sua integridade física. Além disso, o estudante tem que fazer toda volta pelo estacionamento até a entrada do bloco 04. Em dias de chuva isso se torna difícil. Percebemos também, a falta de rampas de acesso e corrimãos na escada. A pavimentação precária também fica evidente. Tais barreiras precisam ser eliminadas urgentemente.

Enrique foi o único aluno entrevistado que acredita não encontrar nenhum tipo de barreira na UNIPAMPA. Contudo pelo relato dos demais sujeitos entrevistados existem inúmeras barreiras arquitetônicas presentes na UNIPAMPA campus – Bagé, não facilitando o acesso dos estudantes deficientes na universidade. O Decreto 5.296/04 (BRASIL, 2004) estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá entre outras providências em seu artigo 8º:

Para os fins de acessibilidade, considera-se:

I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação, classificadas em:

a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;

b) barreiras nas edificações: as existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo e no entorno e nas áreas internas de uso comum nas edificações de uso privado multifamiliar;

c) barreiras nos transportes: as existentes nos serviços de transportes; e

d) barreiras nas comunicações e informações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação;

Podemos perceber que a acessibilidade nada mais é do que o direito de ir e vir das pessoas com deficiência. A universidade já deveria estar capacitada para a inclusão dos alunos com deficiência, porém a realidade que os alunos encontram é outra, a etapa de adaptação de nossa realidade já deveria ter sido superada. A UNIPAMPA deveria estar adequada às necessidades de todos.

Ainda em seu artigo 15 o decreto 5.296/04 (BRASIL, 2004) estabelece que:

No planejamento e na urbanização das vias, praças, dos logradouros, parques e demais espaços de uso público, deverão ser cumpridas as exigências dispostas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º Incluem-se na condição estabelecida no caput:

- I - a construção de calçadas para circulação de pedestres ou a adaptação de situações consolidadas;
- II - o rebaixamento de calçadas com rampa acessível ou elevação da via para travessia de pedestre em nível; e
- III - a instalação de piso tátil direcional e de alerta.

O artigo reforça que mais uma exigência não está sendo cumprida e com propriedade no assunto nossa colega Débora relacionou muito bem tais barreiras.

Segundo o Decreto 5.296/04 (BRASIL, 2004, art.24)

Os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade, públicos ou privados, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios e instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários.

§ 1º Para a concessão de autorização de funcionamento, de abertura ou renovação de curso pelo Poder Público, o estabelecimento de ensino deverá comprovar que:

I - está cumprindo as regras de acessibilidade arquitetônica, urbanística e na comunicação e informação previstas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT, na legislação específica ou neste Decreto;

II - coloca à disposição de professores, alunos, servidores e empregados portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida ajudas técnicas que permitam o acesso às atividades escolares e administrativas em igualdade de condições com as demais pessoas; e

III - seu ordenamento interno contém normas sobre o tratamento a ser dispensado a professores, alunos, servidores e empregados portadores de deficiência, com o objetivo de coibir e reprimir qualquer tipo de discriminação, bem como as respectivas sanções pelo descumprimento dessas normas.

Como podemos perceber, nossa universidade está quebrando algumas regras de acessibilidade, fazendo com que alguns alunos fiquem dependentes de seus colegas para ajudar na locomoção pelo campus Bagé, gerando desconforto e insatisfação por parte dos alunos com deficiência pela perda de sua autonomia. A todo estudante com deficiência deve ser oferecido o direito de locomover-se sozinho por todos os ambientes da universidade, isso nada mais é do que garantir sua liberdade e autonomia.

6.3 Apoios oferecidos pela UNIPAMPA

Débora e Luan destacaram a importância da capacitação dos professores. Débora afirmou que a capacitação é “*fundamental para o tipo de universidade que se pretende, que dará acesso a todos*”(ENTREVISTA,2015). Luan aposta no dinamismo, afirmando que:

“Eu acho muito importante por causa que... tratar muitas vezes só com aluno que pode ter um caráter diferente, vamos dizer assim essa diferenciação de caráter de, eu vou gritar contigo eu sou melhor que tu. Isso só lida com as pessoas no psicológico. Mas imagina tratar com uma pessoa que tem deficiência visual ou física na mesma sala?”

Aí tu tem que tratar aquela pessoa diferente das outras pessoas. Não ser tão diferente, mas igual, então tu tem que ter uma boa dinâmica com as pessoas”

Esses comentários reforçam a importância da capacitação dos professores no processo inclusivo dos alunos com deficiência. A necessidade da formação continuada para que os professores atuem com alunos deficientes tem sido bastante discutida nas últimas décadas, tendo em vista as novas exigências impostas pela educação inclusiva.

De acordo com CARVALHO (2007, p.30):

Há muitos educadores que têm questionado o “desmonte” da educação especial, muito mais devido aos seus custos do que pela falta de reconhecimento do direito de todos terem direito a respostas educativas diferenciadas, segundo suas necessidades. A recomendação de Salamanca é a de que as escolas recebam, incondicionalmente, a todas as crianças que devem ser bem-vindas à escola de seu bairro, a escola que se matriculariam se não tivessem nenhuma deficiência. Esta mudança de paradigma – de um sistema em “cascata de serviços” educacionais para uma escola inclusiva – (para todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras) tem ocasionado inúmeros debates e polêmica.

O processo de aprendizagem não é uma simples transmissão de informação, pois envolve uma transição entre diferentes paradigmas de conhecimento. A universidade que não usa modelos inclusivos, não promove a igualdade de oportunidades entre os seus alunos. A presença de um grupo formado por especialistas das diferentes áreas que atue junto aos professores também é de grande importância para a realização de projetos inclusivos para todos os alunos com deficiência.

Os futuros professores devem ter a capacidade de lidar com os diversos tipos de deficiência, oferecendo ensino de qualidade aos nossos alunos, firmando projetos, compartilhando ideias e ações para que enfim, possamos chegar a tão sonhada escola para todos.

Quatro alunos entrevistados relataram que UNIPAMPA oferece alguns instrumentos de apoio que facilitam a vida acadêmica dos alunos com deficiência. Luan afirma que a universidade *“oferece ajuda pra eu, depois das aulas conseguir copiar a matéria, ajuda para eu fazer as provas que eu preciso... ampliadas, isso ai também ajuda.”* Isso mostra que a universidade dispõe de instrumentos necessários que facilitam a aprendizagem de Luan.

Débora afirma que, *“não se paga mensalidade, tem professores gabaritados e agora temos o RU”*. O restaurante universitário é um grande avanço para o desenvolvimento do campus – Bagé, uma vez que os alunos dispensavam muito tempo saindo do campus para

fazerem suas refeições. Enrique fica feliz por saber que pode contar com o apoio da universidade, porém agradece por não precisar de auxílios: *“Desde o início eles sempre perguntaram se eu tinha problema de visão em relação ao quadro, se precisa aumentar tamanho de letra... eu enxergo 100% do outro olho, então eu nunca precisei”*. Deivid salienta que, *“os grupos de apoio são muito importantes para o apoio psicológico aos alunos com deficiência”*. Entre os grupos a UNIPAMPA oferece o apoio do NuDE, Núcleo de Desenvolvimento Educacional, setor vinculado à Coordenação Acadêmica, responsável pela execução da política de assistência estudantil e pelo apoio pedagógico e psicossocial no âmbito do Campus, de forma integrada com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), com a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e com o Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA).

Outro grupo de extrema importância é o NInA, Núcleo de Inclusão e Acessibilidade oferecendo as seguintes atividades: identificar, cadastrar e planejar o ingresso, a permanência e a formação dos acadêmicos com deficiência e demais necessidades educacionais especiais; criar mecanismos que possibilitem flexibilidade e inovação dos componentes curriculares nos cursos da UNIPAMPA; realizar levantamento das condições de infraestrutura e de acessibilidade para a proposição de adequações nas várias áreas dos *campi* da UNIPAMPA; desenvolver ações de sensibilização, orientação e mobilização e formação aos docentes, dirigentes servidores técnico-administrativos dos dez *campi* da Instituição, almejando a construção de uma efetiva política inclusiva.

Jair afirmou desconhecer os apoios oferecidos pela universidade.

Diante dos relatos podemos observar que há uma preocupação da universidade com o bem estar destes alunos.

Outro apoio de extrema importância para os acadêmicos é o da família. Débora afirma que o apoio da família *“é fundamental, realmente precisa do incentivo quando criança, para tu sonhar em seguir em frente... em busca do sonho, mesmo que financeiramente não seja o esperado.”* Jair também salienta tal importância: *“ah o suporte da família é importantíssimo porque a faculdade toma um bom tempo da gente e inclusive em casa tu tem que ter tempo pra teu estudo, a família tem que colaborar com isso também. É muito importante o apoio da família.”* Luan afirma que embora sua família não de o apoio esperado ele não desiste de seus objetivos: *“Ahh... não me ajuda em quase nada assim, fui na raça mesmo.”* Enrique e Deivid relataram sucintamente que mesmo suas famílias morando a quilômetros de Bagé, ambas apoiam suas vidas acadêmicas.

Segundo Rosita:

Além das naturais divergências que, neste momento, devem existir entre as opiniões dos pais, irmãos e dos próprios deficientes, é importante estimular a escuta a essas pessoas, como um outro desafio. Seja porque não estão todas organizadas, seja porque não dispõem de informações a quem se dirigir, o fato é que pouco temos ouvido os que mais têm sofrido com os obstáculos existentes. Estabelecer os mecanismos para essa escuta permanente, penso, é uma das providências que se impõe, intensificando o trabalho que já temos feito, nesse sentido. (ROSITA, 2007, p. 125)

Diante disso percebemos a importância do diálogo entre todos envolvidos no processo de inclusão, precisamos falar sem medo, ouvir com paciência e agir na busca de igualdades para todos.

Dos alunos entrevistados, 60% dos alunos ingressaram pelas cotas de portadores de deficiência, ficando clara a sua importância para o ingresso destes acadêmicos na universidade. Em 2012 o Governo Federal aprovou a chamada **Lei de Cotas** (Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012). Ela obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem 50% das vagas oferecidas em seus processos seletivos a candidatos cotistas. As instituições de ensino tem até 2016 para cumprirem tal determinação. As medidas de cotas para portadores de deficiência implantadas pelo governo ajudam no acesso destes grupos na concorrência com o resto da população. É um caminho visto por alguns como apoio à redução da exclusão e visto por outros como uma segunda forma de discriminação.

As cotas devem ser vistas como um grande avanço para os estudantes com deficiência uma vez que a efetiva inclusão das pessoas com deficiência na sociedade e, mais especificamente, no sistema regular de ensino tem sido amplamente discutida, bem como as estratégias e adaptações que se fazem necessárias para garantir a esses estudantes o pleno acesso ao conhecimento.

É importante mencionar também, que em julho de 2015 foi sancionada a lei nº 13.146 - Lei Brasileira de Inclusão, que criou o Estatuto da Pessoa com deficiência. Em seu artigo 27 menciona que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (p.32)

Esta lei é um importante instrumento de proteção aos direitos da pessoa com

deficiência, uma vez que consolida as leis existentes e avança nos princípios da cidadania.

7 CONCLUSÃO

Através da presente pesquisa ficou evidenciada que as principais barreiras encontradas pelos alunos com deficiência da Universidade Federal do Pampa, campus – Bagé são as barreiras arquitetônicas entre elas, a falta de rampas de acesso, elevadores que por vezes não funcionam, fixadores das portas postos em lugares indevidos, inexistência de piso tátil, acesso precário e perigoso ao prédio da universidade. Assim, mais uma vez ficamos no entrave entre a legislação e seu fiel cumprimento, uma vez que, diariamente as pessoas com deficiência têm seus direitos básicos desrespeitados pelo não cumprimento e a falta de fiscalização de nossas leis. Mesmo estando conscientes de que os prédios do campus Bagé estão em construção, que a universidade ainda é nova e está tentando se adaptar para garantir a acessibilidade e a inclusão, cabe a todos nós, cidadãos, a fiscalizar e cobrar dos órgãos competentes soluções imediatas. Nossa vigilância e conscientização de que os espaços pertencem a todos, tornam-se imprescindíveis para que as diversas barreiras sejam eliminadas.

Quando dei início ao projeto de pesquisa já tinha uma noção das dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência, porém, não havia percebido que às vezes um pequeno detalhe poderia tornar-se um grande obstáculo a ponto de afetar a dignidade de um aluno deficiente. Dignidade esta que deve ser garantida pelo bem estar de todos e facilitar a vida de quem por algum motivo possui alguma limitação.

Percebi também que os alunos com deficiência participam de diversas atividades dentro e fora da universidade, a maioria têm apoio das famílias e da própria universidade oferecendo aos mesmos provas ampliadas, aulas de reforço, grupos de apoio e ingresso democrático que é feito através das cotas para portadores de deficiência. Sendo assim, podemos perceber que quanto menos barreiras lhes forem oferecidas melhor será o desempenho de cada um, se sentirão ainda mais motivados na busca por seus objetivos e mesmo com algumas barreiras dificultando suas vidas acadêmicas nada impede o acesso e permanência na universidade.

Fiquei muito feliz com a realização desta pesquisa, pois, pude conhecer o lado mais belo da superação e aprender que definitivamente somos todos diferentes, e que as limitações do ser humano podem se tornar pequenos obstáculos, comuns a vida de todos nós.

A eliminação das barreiras deve ser plena, infelizmente sabemos que isto está longe de ser uma realidade, uma vez que até mesmo os alunos que não possuem deficiência vivenciam algumas dificuldades de locomoção no campus – Bagé. A inclusão na educação superior é um desafio que abrange a criação de políticas internas que atendam às demandas desse público,

seja pelo aprimoramento ou criação de condições pedagógicas eficientes para sua permanência e sucesso com o curso escolhido, uma vez que as exigências por parte dos alunos com deficiência são inúmeras devendo a universidade estar preparada para tal.

Portanto para garantir a inclusão dos alunos com deficiência é preciso remover as barreiras existentes, tanto ao acesso quanto à participação e aprendizagem.

Acredito que a presente pesquisa pode contribuir para futuras melhorias na UNIPAMPA, uma vez que o relato dos alunos é bastante contundente, mostrando-nos suas reais necessidades. As mudanças são realmente necessárias a fim de garantir o pleno direito dos estudantes com deficiência.

8. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio; CAIADO, Katia; JESUS, Denise. **Educação Especial, diálogo e pluralidade**. – 2 ed. - Porto Alegre: Mediação, 2010

BRASIL (2007) Decreto nº 6.094 Disponível em
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm
 Acesso em: 02 junho 2015

BRASIL. Educação Inclusiva : v. 4 : a família / coordenação geral SEESP/MEC ; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/afamilia.pdf> Acesso em: 19/06/2014

BRASIL. Estatuto da pessoa com deficiência: Lei Brasileira de inclusão.
 Disponível em
<http://www.senadorpaim.com.br/uploads/downloads/arquivos/daed457c4a7524302b56e700fa609419.pdf>

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em:
http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensinosuperior-crescem-3-8
 Acesso em: 27 junho 2015

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Disponível em http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf
 Acesso em 09 junho 2015

BRASIL, UNESCO. Declaração de Salamanca. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 29 maio 2015

CARDOSO, Vinicius; BASTILHA, Rafael. **Inclusão de alunos com necessidades especiais na escola: reflexões acerca da Educação Física Adaptada**. [2010]
<http://www.efdeportes.com/efd146/inclusao-de-alunos-com-necessidades-especiais.htm>
 Acesso em: 15 junho 2015

CARNEIRO, Moaci. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: Possibilidades e limitações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007

CARVALHO, Rosita. **A nova LDB e a Educação Especial**. – 4 ed. – Rio de Janeiro: WVA, 2007

CARVALHO, Rosita. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. – 5 ed. – Porto Alegre: Mediação, 2007

CARVALHO, Rosita. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 5ª ed. Porto alegre: Mediação, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**

Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300002&script=sci_arttext

Acesso em: 02 junho 2015

CASTRO, Leticia. As políticas educacionais de inclusão no âmbito do plano de ações articuladas (par).

Disponível em:

http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminaro/304_1_1.pdf

Acesso em: 03 junho 2015

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. – 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008

MITTER, Peter. **Educação inclusiva: Contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ONU. Ministério da Educação e Ciência da Espanha. Declaração de Salamanca: e enquadramento da ação na área das necessidades especiais. Salamanca: Espanha, 1994

PIECZKOWSK; NAUJORKS. **Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: diferentes discursos, diferentes expectativas**.

Disponível em <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/3231/2342>

Acesso em: 10 junho 2015

9 APÊNDICES

9.1 Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Inclusão no Ensino Superior: As Principais Barreiras Encontradas pelos Alunos Inclusos da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé

Pesquisador responsável: Cláudia Alves da Silva

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato: (53) 84323115

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, na pesquisa, Inclusão no Ensino Superior: As Principais Barreiras Encontradas pelos Alunos Inclusos da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé que tem por objetivo investigar quais as principais barreiras encontradas pelos alunos portadores de deficiência no decorrer de sua trajetória acadêmica, justificando-se pela necessidade de aprimoramento no processo inclusivo da universidade.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Para a realização desta pesquisa faremos uso de entrevistas com os discentes portadores de deficiência que aceitarem participar do projeto e observaremos a sua posição em relação ao processo inclusivo da UNIPAMPA, Campus Bagé recolhendo e analisando dados. Informamos ainda que manteremos em sigilo os nomes dos sujeitos da pesquisa, preservando sua identidade profissional e resguardando-os de danos morais e sociais que possam afetar sua carreira ou imagem.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores, universidade à qual está vinculado o proponente e/ou pelas agências de fomento à pesquisa, caso o projeto venha a ser financiado.

Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação. Os sujeitos da pesquisa estarão cientes dos resultados da investigação e dos estudos feitos durante a investigação através da realização de reuniões nas escolas.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável:

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável: Cláudia Alves da Silva

Assinatura do Pesquisador Responsável

Local e data Bagé, 28 de agosto de 2015.

9.2 Modelo de entrevista



A presente entrevista tem como objetivo investigar quais as principais barreiras encontradas pelos alunos com deficiência da UNIPAMPA, campus Bagé com a finalidade de contribuir com o trabalho de conclusão de curso da acadêmica Cláudia Alves da Silva.

Roteiro de entrevista dos discentes

Os questionamentos serão feitos aos alunos portadores de deficiência que estão em curso no II semestre de 2015.

1. Qual seu nome, idade e tipo de deficiência?
2. Qual seu curso, semestre e em que ano ingressou na UNIPAMPA?
3. Em que tipo de escola cursou o ensino fundamental e médio?
4. Quais as principais barreiras que encontrou até chegar ao ensino superior?
5. Como foi seu ingresso na universidade? Por cotas ou acesso universal?
6. Por qual motivo escolheu a UNIPAMPA Campus-Bagé?
7. Já sofreu algum tipo de discriminação na UNIPAMPA?
8. Quais as principais barreiras arquitetônicas e atitudinais que encontra na UNIPAMPA?
9. Acredita que tais barreiras podem ser sanadas? Como?
10. A UNIPAMPA oferece instrumentos suficientes para que você desempenhe as atividades acadêmicas? Quais?
11. A UNIPAMPA oferece algum tipo de apoio para que você se sinta motivado a permanecer na instituição?
13. Qual a importância da capacitação dos professores que lidam com diversos tipos de deficiência?
14. Qual a importância da família na sua trajetória acadêmica?
15. Gostaria de sugerir algo?

